

## Do papel para a TV: o programa da Folha na TV Cultura

*Ítalo Oliveira<sup>1</sup> e Verena Paranhos<sup>2</sup>*



“Levar a credibilidade e o espírito de inovação do jornal impresso para a televisão”. Essa é a frase usada pelo jornal Folha de S. Paulo, o segundo maior do Brasil, para descrever a proposta de seu programa de TV semanal, que estreou dia 11 de março, na TV Cultura, emissora pública do Estado de São Paulo.

Ao dizer que leva a “credibilidade” e o “espírito de inovação” do jornal impresso para a televisão, a Folha de São Paulo reafirma uma ideia antiga e ultrapassada de que o jornalismo feito nos periódicos impressos tem mais credibilidade do que aquele feito na televisão. Ao se colocar deste modo, a Folha busca se autolegimar enquanto veículo jornalístico impresso tradicional, uma alternativa “inteligente”, mas ao mesmo tempo mostra que teme perder espaço em virtude da ascensão de outros, não só impressos, mas televisivos e na web. Isso deixa transparecer que a Folha tem noção da concorrência que enfrenta e da disputa que estabelece com as demais empresas jornalísticas do país. No entanto, apesar de qualificar como ruim a produção/programação televisiva contemporânea, especialmente a dominical, a Folha recorre à própria televisão para legitimar-se e alcançar reconhecimento do público que a assiste.

Essa não é a única vez em que o jornal, que recentemente perdeu a liderança entre os principais diários do país, reafirma sua importância em negação à programação da televisão. Em uma campanha publicitária publicada no impresso para divulgar o programa, o slogan é o seguinte: “Estreia hoje uma nova opção para o domingo à noite na TV (como se atualmente você tivesse alguma)”. Aqui, novamente, o programa desmerece a programação de domingo da televisão, já amplamente descrita pelo senso

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. É bolsista de iniciação científica do CNPq no Grupo de Pesquisa Análise de Telejornalismo.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Facom/UFBA, Bolsista de Iniciação Científica da Fapesb.

comum como “ruim”, em que prevalece o entretenimento, que marca presença inclusive em programas telejornalísticos reconhecidos, como o Fantástico e o Domingo Espetacular.

A produção do programa faz questão de destacar seu formato inovador. “Considero cada reportagem um minidocumentário. O roteiro é mais livre. O uso de trilha sonora também. E as imagens são surpreendentes, mais próximas do que se faz na internet do que na televisão”, disse João Wainer, diretor do programa, em reportagem da própria Folha de S. Paulo sobre o TV Folha.

Percebe-se um esforço para romper com alguns elementos considerados convencionais no telejornalismo, fazendo com que o programa se constitua como uma articulação de diversos gêneros telejornalísticos. O TV Folha não tem um mediador presente do início ao fim do programa, mas tem a figura do editor Fernando Canzian (colunista do jornal impresso) como mediador chave. É ele quem abre o programa e conduz a reportagem principal, assim como entrevista, juntamente com Vera Magalhães (editora da coluna Painel, do impresso), o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, no programa de estreia. Também é Canzian quem encerra o programa, chamando para uma reportagem a ser publicada na Folha de São Paulo no dia seguinte, para a íntegra da entrevista com o prefeito no site e dá o tão tradicional “Boa noite” dos telejornais.

A edição das matérias procura ter um timing mais dinâmico que o do telejornalismo dito tradicional, com depoimentos curtos e cortes rápidos. Também em relação ao uso de trilha sonora o TV Folha afirma inovar. Contudo, o que faz se assemelha ao que vemos em muitos telejornais. Sendo assim, embora se coloque em um lugar de enfrentamento com o telejornalismo padrão, o que corrobora com seu argumento autolegitimador, o uso de trilha sonora e a defesa de seu caráter inovador, também mostra que a Folha desconhece o que comumente se faz no campo do telejornalismo.

Na primeira matéria, do dia de estreia do programa, 11 de março de 2012, o jazz é usado para cobrir imagens da cidade de São Paulo, de dependentes de crack e da ação policial na Cracolândia. Esta proposta busca distinguir o programa de um jornalismo popular, o qual certamente usaria uma trilha sonora tensa e pesada para carregar de emoção as imagens, aproximando-se de uma narrativa melodramática. No entanto, se aproxima do que já fazem programas esportivos, revistas eletrônicas, programas de crítica cultural, por exemplo, mais uma vez mostrando desconhecimento do que acontece no campo.

O uso do jazz como trilha sonora, por exemplo, pode ser visto como uma estratégia de aproximação da narrativa com aqueles que têm um gosto musical mais sofisticado, o perfil de assinante do jornal. Em outras partes do primeiro programa, há uma

aproximação das matérias de um formato parecido com o vídeo clipe, em que música e imagem se combinam perfeitamente, como no exemplo da matéria sobre um ano após o tsunami no Japão, em que músicas acompanham tanto imagens espetaculares de destruição, quanto depoimentos de japoneses, que, diferentemente do que normalmente esperamos, surgem legendados traduzidos com legendas.

Outro diferencial é a ausência de repórteres enquanto mediadores visíveis nas matérias. Seus nomes aparecem nos créditos de cada parte, mas eles não são vistos em passagens ou entrevistando pessoas nas ruas, nem a costureira mão segurando o microfone tem espaço. Sendo assim, nos momentos em que populares, especialistas ou colunistas são consultados tem-se nos quadros apenas eles em Plano Americano ou close. Nota-se uma exceção neste quesito na matéria do Japão, em que um enviado especial aparece fazendo uma passagem e relata o que vê. Isto mostra o poder econômico do grupo Folha, o qual enviou um jornalista especialmente para cobrir a data.

Desta forma, o programa inova em alguns formatos, fazendo o que chama de “minidocumentários”, em vez de reportagens telejornalísticas clássicas. No entanto, este caráter inovador não abarca todo o produto, já que os comentários de colunistas (de Mercado, Cotidiano, Ilustrada e Poder) reproduzem notas cobertas e notas secas.

Ao mesmo tempo em que há a negação de alguns elementos considerados convencionais no telejornalismo, o programa utiliza recursos do “telejornalismo convencional”, como Wainer descreve o que o programa “tenta evitar”, a exemplo, a divisão em editoriais dos blocos. Essa marcação é observada na edição quando o primeiro e maior bloco, com duração de 11 minutos, trata de um assunto enquadrado na editoria “Folha Cotidiano”. A ideia de levar o jornal impresso para a televisão fica marcada nessas divisões, que reproduzem a organização temática de editoriais do impresso, como Folha Poder, Folha Ilustrada, entre outros.

Outro ponto interessante é a exibição da seção “Colunistas”, desta vez sob a marca da editoria Folha Mercado. O jornalista Vinicius Torres Freire faz uma análise e comenta a questão do PIB (Produto Interno Bruto Brasileiro) e dos investimentos. Neste quadro específico, o programa lança mão do grafismo, o que torna a explicação didática. No final o jornalista pergunta: “Deu?. O uso do grafismo é um artifício para chamar a atenção para um assunto que, assim como diz Freire no começo da exibição, “só interessa a economistas, jornalistas e governo”.

**Crack e governo** – O primeiro tema da edição do primeiro programa é a retirada de moradores de rua e usuários de crack da região conhecida como Cracolândia, no centro da capital paulista. Toda a construção de imagem e texto do vídeo remete mais à

concepção de minidocumentário – como quer o diretor – do que de uma matéria exibida em telejornais. Isso se reforça mais ainda por se tratar de um fato que aconteceu em janeiro. A exibição em março tornaria a matéria “fria”, o que pode indicar o motivo da escolha por uma edição que lembra os documentários. Após a exibição da matéria, Canzian e Vera Magalhães entrevistam Kassab no estúdio e a data da entrevista, em janeiro, é mostrada na tela. Sendo assim, pode-se dizer que a tentativa de evitar a ‘frieza’ no começo, cai por terra com esta entrevista.

Enquanto o jornalista Fernando Canzian começa narrando os problemas e as questões envolvendo o primeiro tema, são exibidas imagens intercaladas de símbolos da cidade de São Paulo – como a igreja e a praça da Sé e o Edifício Martinelli – com imagens do jornalista entrando no prédio onde funciona a sede do jornal, imagens da redação do jornal, da gráfica do jornal e do carro do jornal indo para a rua. Após o percurso, Fernando senta e termina sua explicação e começa o vídeo sobre o problema da Cracolândia.

Boa parte das fontes usadas são ligadas ao telejornal. Entre eles estão o médico Drauzio Varella e o diretor-geral do Instituto Datafolha, Mauro Paulino. O primeiro faz uma crítica à ação dos governos Estadual e Municipal na Cracolândia e o segundo diz que a ação tem interesses eleitorais por trás. Dar voz a especialistas no assunto que são colunistas do jornal não deixa de ser uma estratégia para atribuir a credibilidade que o jornal tem ao novo programa. Este aspecto também pode ser visto como uma tentativa de atrair para os seus colunistas, jornalistas e comentaristas a visibilidade da TV. Deste modo, a Folha de São Paulo se contradiz ao negar a televisão como veículo de qualidade e buscar se inserir justamente nela para se legitimar, mas também para aproveitar o espaço televisivo, que junto com o rádio é de longe o que tem o maior alcance em termos de público no Brasil. Mesmo se tratando de uma emissora pública com índices de audiência distantes dos das maiores redes comerciais, ainda assim, a Folha ganha mais visibilidade e poder de penetração do que no segmento do jornal impresso. O fato de chamar os telespectadores do programa para ver desdobramentos e complementações no jornal impresso é um dos exemplos do uso que o jornal está fazendo do espaço na televisão.